



O COMUNISMO E SEU SONHO DE DOMÍNIO MUNDIAL

Paulo Campos Paiva

O DOMÍNIO MUNDIAL

As grandes nações que lideraram a História, nas suas diferentes épocas, tiveram de modo constante, permanentemente, como aspiração e mesmo objetivo nacional: o domínio mundial. Esse domínio, quando as condições permitiram, se realizou pela ocupação física e anexação dos territórios conquistados, porém, quando tal não foi possível, a submissão foi exigida, sem restrições. Assim, se lançarmos a vista para o passado, podemos constatar que as terras conhecidas da Europa, Ásia, África etc., sempre foram alvo da conquista e tentativa de domínio pelas nações que se apresentaram, no cenário mundial, como líderes, nos sucessivos períodos da humanidade. Tal aconteceu com persas,

macedônios, romanos e outros povos, em épocas passadas e, mais recentemente, com Espanha, Portugal, Inglaterra, Alemanha, França etc.; que perseguiram essa hegemonia pelas incontestáveis vantagens econômicas, políticas e militares, que ela acarreta.

Vejamos o que se passou e o que se passa com o povo russo, no que respeita ao domínio mundial. Inicialmente, no século IX, a Rússia se apresentava como uma série de principados, cujos senhores descendiam de Rurik, chefe varegue que dominou a maior parte do território europeu, da Rússia atual. Tinham em comum apenas a língua, o parentesco de seus príncipes e certo acatamento à autoridade do grão-príncipe de Kiev. Com o crescimento da autoridade do príncipe de Suzdal, a hegemonia passou a Moscou.

Iniciou-se a expansão russa, tendo em vista a conquista e anexação dos povos vizinhos, atingindo o Báltico e o Cáspio, tornando-se os seus soberanos os "Czares de Todas as Rússias". Em sucessivos avanços, lançaram-se para leste, chegando ao Pacífico, já que este foi o caminho de menor resistência, submetendo populações semi-bárbaras da Ásia, na sistemática anexação de territórios, sem dúvida, em franco progresso na consecução do objetivo, do sonho eslavo de conquista mundial. São 11 séculos de conquistas. Não são onze anos... -

Detenhamo-nos no que os próprios russos falam da sua ação de tomar pela força e anexar outros territórios. Nada melhor que ouvir a palavra de seus dirigentes. Vou repetir exatamente o que disse o próprio Lenin referindo-se a essa expansão, sob a égide do Czar:

"Obra do czarismo que durante muitos séculos saqueou e oprimiu mais povos que todos os demais tiranos ou déspotas" (Lenin, página 46 da obra "Táticas e Objetivos da Revolução").

Na Pequena Enciclopédia Soviética — edições até o ano de 1931 — constava:

"As campanhas do exército russo no Cáucaso, na Ásia Central e no Extremo Oriente pertencem ao tipo de guerras colonialistas."

Dito isto em relação aos Czares, recordemos o que afirma Lenin, referindo-se ao povo russo, caracterizando sua índole conquistadora e o autoconceito, de superioridade racial, que possui:

"E o povo acredita, graças à velha e falsa convicção em que continua, de que as demais nacionalidades são uma espécie de propriedade ou patrimônio da grande Rússia. Esta vil depravação do povo russo, pelo czarismo, que o ensinara a ver nos outros povos um não sei que de inferior, de acessório 'em direito' à grande Rússia, não podia dissipar-se de um golpe" (página 62 — obra citada).

Verifica-se, pura e simplesmente, a união dos dirigentes e povo russo no exercício da "superioridade eslava", tal qual Hitler e a "superioridade ariana", na procura do comunismo não trouxe mudanças nas aspirações russas. Dependendo do momento, a situação é declarada, ora veladamente, ora de maneira clara, pelos seus dirigentes, que não conseguem esconder o desejo de conquista que há em seus subconscientes. Haja vista à idéia de posse, de conquista, que existe em seu dogma "Temos um mundo a conquistar". Ainda Lenin o reconhece, quando, após a Revolução, se referia ao novo Ministério e à sua política exterior, já sob a égide do comunismo:

"O que se vê é que o novo Ministério é um governo de continuação da guerra imperialista" (página 45 — obra citada).

Marx dizia, e a citação merece muita atenção pelo que deixa transparecer, no que se relaciona aos objetivos da Rússia:

"O que está para vir? A ignorância, o comodismo, a pusilanimidade, a instabilidade perpétua e a credulidade dos governos ociden-

tais, capacitando a Rússia a atingir, sucessivamente, todos os seus objetivos."

Sem dúvida, podemos vislumbrar, nessas declarações, o desejo de hegemonia. Não cessou, com o advento do comunismo, a procura desse domínio. Continuaram seus líderes dando demonstrações incontestáveis desse desiderato. Sob a chefia de Stalin, anexaram a Mongólia, a Lituânia, a Letônia, a Estônia, parte da Finlândia e, ao término da 2ª Guerra Mundial, estavam com suas fronteiras no interior da Alemanha.

Em 1941, Molotov declarou:

"A coexistência pacífica entre o estado soviético e o resto do mundo é impossível, este antagonismo não pode encontrar solução senão pelas armas."

Ora, antagonismo, todos nós sabemos, é o que se opõe à consecução e manutenção dos objetivos nacionais. O antagonismo citado por Molotov, nada mais é do que a não aceitação da tutela soviética. Era admitido pagar o preço da guerra para conseguir o domínio mundial, porém, com o advento da bomba atômica, o objetivo nacional russo permaneceu, apenas mudou, temporariamente, o processo para a sua consecução.

Vale a pena atentarmos na frase:

"Nós não venceremos o Ocidente por meio da bomba atômica, venceremos com algo que o Ocidente não compreende: as nossas cabeças, as nossas idéias, a nossa doutrina" (Vishinski).

Hoje, não será mais válida esta afirmativa. Na África e no Afeganis-

tão atua o poder militar e não só "as idéias e a doutrina".

A doutrina da "Soberania Limitada" de Brezhnev e muito mais os fatos da Hungria, Polônia e Tcheco-Eslóvaquia, demonstraram que permanece de pé, como objetivo nacional russo, o domínio mundial. Podemos identificá-lo como uma consequência da crença na superioridade racial eslava.

O "Informe do Comitê Central do PCUS", do XXIV Congresso do citado Partido, apresentado por Brezhnev, Secretário-Geral, em 9 de março de 1971, na página 49, inicia a citação das diretrizes de sua "política de defesa ativa da paz e de fortalecimento da segurança internacional". A segunda das principais tarefas preconizadas por essa política é a seguinte:

"Partir para o reconhecimento definitivo das mudanças territoriais que foram produzidas na Europa, como resultado da II Guerra Mundial."

No documento "Ensinamentos da Crise", referindo-se à invasão da Tcheco-Eslóvaquia, tentando justificar seu imperialismo, diz o PCUS que a entrada de tropas do "Pacto de Varsóvia" nesse país, "fortaleceu as fronteiras do campo socialista e destruiu as esperanças dos círculos imperialistas de reverem os resultados da Segunda Guerra Mundial". Essas afirmativas permitem concluir: está definitivamente decidido pela Rússia que as suas atuais fronteiras estão no interior da Alemanha.

Ficou claro, na análise da palavra dos dirigentes soviéticos, do

PCUS, que dirigentes e povo russo acreditam na pretensa superioridade eslava e que o domínio mundial é um objetivo nacional permanente da Rússia, variando, no tempo, apenas o processo para a sua consecução.

O INSTRUMENTO

As nações empregam, na conquista de seus objetivos, o poder de que dispõem. Esse poder é a soma de várias parcelas, distribuídas nos campos político, social, econômico e militar, tais como: população, economia, cultura, força armada etc. Uma das parcelas do Poder Soviético, atuando em todos os países do mundo, é, sem dúvida, o comunismo, doutrina que empregam para "vencer o Ocidente", como disse o próprio Vishinski. No cenário internacional, na prática, fora de outras especulações, o comunismo é um instrumento da Rússia, atuando para conquistar o domínio mundial. Atua como um agente desnacionalizador, destruidor das culturas nacionais autênticas, visando substituí-las pelos dogmas comunistas e conseguir a submissão a Moscou.

No Brasil, em 25 de março de 1922, foi fundado o PCB, filiado à Internacional Comunista e para isso tinha de obedecer às 21 condições impostas por ela. A 6ª condição dizia: "Todos os Partidos Comunistas devem renunciar não somente ao patriotismo, como também ao pacifismo social".

Stalín reiterou esta submissão aos interesses russos, quando declarou:

"O revolucionário é aquele que, sem argumentos, aberta e honestamente... está pronto para defender e fortalecer a União Soviética."

"O internacionalista é aquele que sem reservas, sem hesitações, sem condições, está pronto para defender a União Soviética."

Qualquer comunismo de cunho nacionalista, que aspira ser independente, que não seja submisso ao domínio soviético, não é aceito pela Rússia; daí a contestação e ameaças constantes que fazem à China, Albânia, Iugoslávia etc. No XXV Congresso do PCUS, a tônica dos dirigentes russos foi a de não permitirem ou aceitarem que os PC, de outros países, desobedeçam às ordens de Moscou. A dependência tem de ser total aos "superiores" soviéticos.

Podemos então afirmar, de maneira simples mas realista, que o comunismo, na prática, se caracteriza como instrumento do imperialismo russo. Ele existe para a consecução de seu objetivo, isto é, o domínio mundial.

O AGENTE, O COMUNISTA

O ser humano tem dois sistemas nervosos: o sistema medular branco e o cerebral cinzento. O sistema branco é o responsável pelos reflexos incondicionados. Estes existem independentemente do mundo exterior e são em número de cinco: sexo, alimentação, defesa, investigação e liberdade. O homem já nasce com eles. O sistema cinzento recebe reflexos condicionados pelo meio-ambiente, pela cultura local, ou por um elemento

condicionador. O homem os adquire. Assim, crianças de origem xavante, inglesa, esquimó, terão os mesmos reflexos incondicionados, porém seus reflexos condicionados dependerão do ambiente, do meio onde forem criados.

Comunista, na acepção da palavra, é aquele cuja massa cinzenta assimilou e tem como válidas as idéias e os princípios da doutrina marxista-leninista. E estamos certos ao considerá-lo um ser condicionado. Cabe, neste momento, tecer algumas considerações sobre o processo de "lavagem cerebral" e condicionamento das mentes, baseados nas experiências de Pavlov. Este cientista utilizava cães, nas célebres experiências que realizava, sobre reflexos condicionados. Em determinada ocasião, uma tempestade de neve e ventos violentíssimos derrubou parte do laboratório. Durante três dias, com temperaturas baixíssimas, abaixo de zero, não foi possível aos elementos do laboratório retornarem ao trabalho. Quando as condições climáticas melhoraram, os tratadores dos cães voltaram ao local e foram surpreendidos pelo fato de os animais atacá-los e não atender mais pelo nome. Havia perdido os reflexos anteriormente adquiridos.

Pavlov concluiu que, sob condições de desnutrição e sofrendo um impacto traumático violento, os animais tinham perdido os reflexos condicionados.

Na guerra da Coréia, os comunistas testaram esse método nos prisioneiros ingleses e americanos, como se pode constatar no livro

"The captives of Korea" de Wilian Lindsay Whith, da coleção "Pocket Book". Os prisioneiros foram desnutridos com alimentos deteriorados e quando estavam bem enfraquecidos, grassando a disenteria, tiveram que fazer terrível marcha, sob temperatura de vários graus abaixo de zero, mal agasalhados e doentes. Quando qualquer deles se abaixava para satisfazer suas necessidades, um guarda lhe abria a cabeça, com violenta coronhada. Assim liquidaram quase 30% do efetivo inicial. Tinham conseguido os comunistas as duas condições básicas, a desnutrição e o impacto traumático violento nos prisioneiros. Após certo tempo de marcha com esse tratamento, aos prisioneiros só restava a idéia de sobreviver, o instinto de conservação. A solidariedade, a camaradagem, a bondade para os companheiros mais doentes, tinham desaparecido.

A dúvida sobre a validade desses valores, naquelas condições de dificuldades sobre-humanas, povoava o cérebro dos prisioneiros. Passava a ser válido apenas o que os ajudasse a manter-se vivos. Ao final da marcha, os reflexos condicionados, os valores citados tinham sido varridos da mente dos prisioneiros. Eles estavam prontos para receber novo condicionamento. A chamada "Lavagem Cerebral" tinha sido executada. Chegados ao destino, foi iniciada a segunda fase do processo, a doutrinação.

O Ministério da Guerra inglês publicou um "Livro Branco", sobre os resultados da "lavagem ce-

rebral" dos britânicos capturados na Coreia, dizendo: "Todos foram alcançados; 30% de soldados e graduados, 1% dos oficiais se voltaram sinceramente comunistas, porém depois, com a volta à vida normal na Inglaterra e um tratamento num campo de desintoxicação espiritual, por espaço de um ano, todos se haviam descontaminado".

Dos soldados do Exército dos EUA prisioneiros na Coreia, 15% foram classificados colaboracionistas ativos, 80% nem colaboradores nem resistentes e somente 5% resistentes. O aspecto inquietador disso é que, deles, 95% eram vistos pelos comunistas com tonalidades várias, desde a rosa à vermelha e somente 5% puramente brancas. O resultado foi terrível. A maioria dos prisioneiros perdeu sua crença democrática e foi influenciada pela doutrinação comunista. Esse é um dos processos de condicionamento das mentes, hoje aperfeiçoado com os "tratamentos" nos hospitais psiquiátricos da Rússia.

Outro processo para condicionar cérebros, muito usado, sob diversos títulos — psicoterapia de grupo, cursilhos de vivência comunitária etc. — consiste, em síntese, no seguinte:

— reunião de grupo heterogêneo, com um pequeno número de pessoas ricas, um pequeno grupo de bem pobres e um grupo maior de pessoas remediadas;

— começam perguntando aos ricos se têm farta alimentação, residência confortável, transporte cômodo e automóvel;

— a resposta de um modo geral é afirmativa;

— perguntam, em seguida, aos mais pobres se têm leite e pão com fartura e casa para morar. A resposta é negativa;

— a seguir propõem a todo o grupo que, se não é justo, assinem moção de protesto.

Obtida a assinatura, já iniciaram o processo de condicionamento. Até mesmo os que conseguiram ter mais recursos, com o suor do próprio trabalho, começam a sentir complexo de culpa e a mais dão um passo no comprometimento com os doutrinadores.

Sabemos que a justiça se faz com a igualdade de oportunidades e não com a distribuição igualitária de meios materiais. É justo que, aquele que se esforçou mais, receba mais. A igualdade pura e simples é injusta.

Prosseguindo na técnica de condicionamento, os comunistas conseguirão, dentro de pouco tempo, que os valores iniciais do grupo sejam substituídos pelos da doutrinação em andamento.

Vejamos as características principais, que melhor definem o comunista, esse ser condicionado.

Moral

"É tudo aquilo que serve para destruir a sociedade capitalista exploradora e implantar ditadura do proletariado" (Lenin).

Este conceito é falso em si mesmo. Não é moralmente válida a ditadura de qualquer classe, seja ela qual for, sobre as outras. Que significado moral existe em ditadura

do proletariado sobre médicos, advogados, engenheiros, professores, militares etc.? Por que admitir esse privilégio?

Isto não faz sentido; não tem nexos.

A moral comunista admite como válidos o terrorismo, o assalto, enfim qualquer atitude ou ação, pois que, para eles, os fins justificam os meios; portanto, é válido matar, mentir, roubar; ou seja, é moral para eles o que é imoral para nós, contanto que concorra para a destruição da nossa sociedade e para implantação da ditadura do PCUS, melhor dizendo.

É moral a atitude de Prestes, quando disse em 1946, no Senado Federal que "caso o Brasil estivesse em guerra com a União Soviética, jamais pegaria em armas contra esta".

Hoje, assistimos aos comunistas na Tcheco-Eslováquia, Polônia e Hungria, baterem palmas e aprovarem a colonização de seus países. Eles estão condicionados para isso, pois que terrorismo ou traição à Pátria são amorais em qualquer sentido.

Sem compreender assim o que está impresso na massa cinzenta do comunista, nós desconhecemos o nosso inimigo e não poderemos batê-lo.

Materialismo

Os comunistas se dizem materialistas e têm por princípio fundamental, como base de seu materialismo que dizem científico, o seguinte dogma:

"A evolução da matéria é fruto do diálogo da matéria consigo mesma."

Dizem isto convictos de que esta é a mais incontestável das verdades. Ora, todos nós sabemos que a matéria está em permanente estado de movimento, das pequenas partículas existentes nos átomos. A arrumação desses elementos dentro da molécula, caracterizará os diferentes tipos de matéria, resultante desse diálogo, como sucede, por exemplo, na formação do hélio e do hidrogênio. Seria o caso de se perguntar qual o mais evoluído, porém a realidade é de que não há evolução nenhuma no processo citado; há sim, apenas transformação e somente transformação.

Evolução implica em ética nova, moral nova, técnica nova e isso não é resultado do "Diálogo da matéria consigo mesma" e sim, só existe, só aparece quando o transcendente, o não material, a inteligência ou o espírito intervém no processo. Prova-se hoje, cientificamente, por experiência — foram realizadas mais de quinze mil — que existe alguma coisa, além ou fora da matéria, no ser humano.

Assim, joga-se um dado. A probabilidade para sair um determinado número é uma em seis vezes. Foi constatado que se uma coletividade se concentra em um deles, a sua frequência é maior do que aquela que seria normal e isto se repete mesmo que estas pessoas estejam afastadas, por exemplo, concentradas em outro local que não aquele onde se lançam os dados.

Deduz-se que alguma coisa não material intervém no processo, pois que não obedece nem às leis da Física, nem às da Matemática, como acontece com a matéria. É, portanto, não material.

Hoje, alguém pode dizer-se ateu, porém quem se disser materialista, diz uma inverdade. Não estudam as universidades mais adiantadas a Parapsicologia, que trata de fenômenos não materiais? A própria Rússia entra em contradição. Afirma ser materialista e estuda fenômenos não materiais. Portanto, o materialismo não tem validade científica, como querem dizer e afirmam os comunistas. É pura pretensão e só impressiona aos menos avisados a frase tão comum em suas bocas: "Sou materialista e científico e você religioso e filosófico; portanto estou 100 anos à sua frente".

Dialética

Os comunistas consideram as coisas em permanente estado de transformação, pelas contradições que carregam consigo mesmas. Dizem que a uma afirmação (Tese), corresponde uma negação (Antítese) e que o resultado dessa confrontação será superior às anteriores (Síntese). Citam, como exemplo Feudalismo x Capitalismo e a síntese seria o Comunismo.

A primeira observação que podemos fazer é de que não se pode dizer que Capitalismo seja a Antítese de Feudalismo, assim como não podemos dizer que preto é a antítese de branco ou que côncavo é a antítese de convexo. Não faz

sentido, pois o que ocorre é uma variação da intensidade luminosa ou da posição do observador.

A segunda observação é que, se fôssemos considerar o comunismo à luz da dialética, ele seria um regime estático e sem evolução, já que não admite a antítese, se julga dono da verdade absoluta, que não pode e não admite ser discutida. Os que não a aceitam são reacionários, traidores, lacaios do imperialismo. Podemos dizer que são realmente estáticos e não dialéticos. Muito mais dialético é o processo democrático, onde diariamente se exercita um mecanismo de conciliação entre o capital e o trabalho, entre o patrão e o operário.

Poderia prosseguir analisando outras concepções falsas, como a da sua teoria econômica, baseada na "mais valia", seu conceito de Estado e uma série de idéias e teorias já invalidadas, não só pelos acontecimentos, pela prática, como pelo raciocínio e crítica dos estudiosos do marxismo.

CONCLUSÕES

A Rússia tem como objetivo nacional a conquista mundial. Emprega o comunismo como um instrumento de poder, na consecução do seu objetivo nacional permanente. Esse comunismo substitui a cultura nacional, desnacionaliza o indivíduo, substituindo os reflexos que preliminarmente existiam na sua massa cinzenta, por outros, ditados, única e exclusivamente, pelo interesse soviético.

Há necessidade de nos contrapormos a esse condicionamento,

preventivamente, esclarecendo sobre a falta de veracidade da teoria comunista e de quais são os seus objetivos, a fim de evitar que consigam novos adeptos. Em relação aqueles que já militam como profissionais, certamente que não temos possibilidade de colocar, junto a cada um deles, um psicanalista que conheça profundamente comunismo, para a sua recuperação. Terão de sofrer, sem vacilação, a repressão dos órgãos de segurança. Nessa repressão, ao profissional comunista, ao elemento militante terrorista, não lhe dar a menor oportunidade de reação, se não quisermos imolar mais vidas, em repetidos sacrifícios, na luta contra essa ameaça constante e permanente. Por outro lado, não devemos ficar tensos e irritados, perder a calma e a serenidade, a fim de não fazermos o jogo deles.

Esta é uma luta permanente e de todos os dias — exatamente como polícia e ladrão — que não sabemos quando terá fim. Devemos nos habituar à realidade de nela vi-

ver, tranqüilamente, procurando nos tornarmos cada vez mais técnicos, mais eficientes e mais capazes na preservação da nossa soberania, da cultura nacional autêntica, da liberdade e respeito à dignidade humana, inerentes aos nossos ideais democráticos, inerentes ao homem brasileiro, que sempre viveu e viverá livre, em Pátria livre e soberana, jamais submissa a Moscou de qualquer espécie. Pátria que não aceita e não aceitará superioridade de raças ou de senhores.

Finalmente, pode-se constatar que os responsáveis pela Revolução de 31 de Março de 1964 souberam enfrentar esse antagonismo. Equacionaram nossos problemas, procuraram e encontraram as soluções. Executam programas que inexoravelmente vão realizando com o povo brasileiro e que estão levando o Brasil aos seus altos destinos, com autodeterminação, convivendo com as demais nações, em termos de igualdade de direitos e de oportunidades, com independência e com soberania.



O General-de-Divisão Paulo Campos Paiva, além dos cursos normais de acesso ao generalato, tem os da Escola Superior de Guerra (1977) e Curso de Guerra Revolucionária, este último realizado na Argentina em 1961. Como integrante do Quadro de Estado-Maior, foi Adido Naval e do Exército junto à Embaixada do Brasil na Itália (1973/75). Entre suas últimas comissões como oficial-general destacam-se as de Chefe do Estado-Maior do III Exército e Chefe do Gabinete do Estado-Maior do Exército. Exerce atualmente a função de Comandante da 5ª RM/DE.